## A Paisagem dos Arquitetos Paisagistas – Hotel Rural Areias do Seixo

Rute Sousa Matos; Paula Simões; Desidério Batista

Resumo

Neste artigo pretendemos revisitar o conceito de paisagem e da sua multifuncionalidade, na perspetiva do arquiteto paisagista, nomeadamente o seu percurso na história que evoluiu por caminhos e direções diferentes ao longo do tempo dando origem ao atual conceito de paisagem que resulta de um interesse multidisciplinar e de diversas aproximações teóricas, nomeadamente da geografia, da ecologia, das ciências sociais e humanas e da filosofia, fundamentais para a complexidade do conceito, objeto de intervenção dos arquitetos paisagistas, atores privilegiados na criação da paisagem.

O conhecimento e a conceção empírica do conceito de paisagem e da própria paisagem foram, ao longo do tempo, evoluindo para um conhecimento cada vez mais aprofundado dos seus elementos e, numa fase posterior, das relações entre esses elementos. Estas alterações foram ocorrendo ao longo do tempo dando origem ao conceito contemporâneo de paisagem que resulta de um interesse multidisciplinar que resulta de diversas aproximações teóricas. No entanto, podemos afirmar que os arquitetos paisagistas consideram a paisagem no seu sentido mais abrangente integrando fatores culturais e naturais que, em conjunto com a dissolução gradual da oposição cidade, periferia, campo, nos faz adotar o conceito de paisagem global, cunhado por Ribeiro Telles, no final do século XX.

Como caso de estudo apresentamos um projeto de arquitetura paisagista onde a teoria se reflete na praxis materializando a construção de um espaço de paisagem. O exemplo aqui apresentado – o hotel rural Areias do Seixo - demonstra a complementaridade entre natureza e cultura, o reconhecimento das características físicas e culturais do espaço, a integração das questões ecológicas, estéticas e sociais, destacando a multifuncionalidade como condição relevante e fundamental, que traduz, tal como pretendemos, uma nova abordagem aos projetos de paisagem e, consequentemente, de uma forma sustentadamente eficaz, a criação de mais paisagens contínuas de produção, proteção e recreio.

Palavras-Chave: Paisagem; Arquitetura Paisagista; Multifuncionalidade; Ecologia.

## The Landscape Architects Landscape – The Case of a Rural Hotel

Rute Sousa Matos, Paula Simões, & Desidério Batista

Abstract

The knowledge and the empirical concept of a landscape have evolved over the time towards a deep understanding of its elements and their interconnection. These changes are the basis of the current concept of landscape, which in turn results from the multidisciplinary interest on the different theoretical approaches. However, landscape architects also consider the cultural and natural factors as determinant parts of a landscape. Altogether leads to the concept of global landscape defined by Ribeiro Telles at the end of 20th century.

Here, we present a new approach to a landscape architecture project where the theory materializes in the construction of a landscape space associated to a rural hotel (Areias do Seixo). In this project incorporates different elements (e.g., the local nature and culture, the recognition of the physical and cultural characteristics of the space, and incorporating the ecological, social and aesthetic worries) with an eye on the multi-functionality of the space.

Key-words: Landscape; Landscape Architecture; Multifunctionality; Ecology.

## A Paisagem dos Arquitetos Paisagistas – Hotel Rural Areias do Seixo

Rute Sousa Matos: Arquiteta Paisagista; Professora Auxiliar no Departamento de Paisagem, Ambiente e Ordenamento, na Escola de Ciências e Tecnologia da Universidade de Évora, Portugal. Investigadora no Centro de História da Arte e Investigação Artística (CHAIA) da Universidade de Évora. Palácio do Vimioso; Largo Marquês de Marialva, 8; 7000-809 Évora. rsm@uevora.pt.

Paula Simões: Arquiteta Paisagista; Professora Auxiliar no Departamento de Paisagem, Ambiente e Ordenamento, na Escola de Ciências e Tecnologia da na Universidade de Évora; Portugal. Investigadora no Centro de História da Arte e Investigação Artística (CHAIA) da Universidade de Évora. Palácio do Vimioso; Largo Marquês de Marialva, 8; 7000-809 Évora. pmss@uevora.pt

Desidério Batista: Arquiteto Paisagista; Professor Auxiliar na Universidade do Algarve; Portugal. Investigador no Centro de História da Arte e Investigação Artística (CHAIA) da Universidade de Évora. Palácio do Vimioso; Largo Marquês de Marialva, 8; 7000-809 Évora. dbatista@ualg.pt.

## Introdução

Este artigo surge de uma reflexão sobre o conceito de paisagem, particularmente sobre o conceito adotado pelos arquitetos paisagistas. Nesta reflexão deparámo-nos com a enorme abrangência que este conceito tem, reflexo da polissemia que lhe está associada e da multidisciplinaridade que lhe é inerente. Numa aproximação mais atenta fomos confrontados com a existência de inúmeras abordagens, nenhuma delas menos importante que a outra. São conceitos multidisciplinares, com uma vertente mais artística ou mais científica, mais natural ou mais cultural, mas que apresentam uma certa complementaridade e continuidade entre eles, permitindo a sua conjugação e associação sob várias vertentes, com as quais a arquitetura paisagista construiu a sua própria abordagem e conceito. Acerca desta multidisciplinaridade têm-se levantado várias questões no âmbito da sua diversidade, nomeadamente no carácter vago ou pouco definido que o conceito poderá oferecer. No entanto, considerámos que este facto, só por si, não constitui um fator negativo mas sim uma realidade distinta determinada pela diversidade de áreas disciplinares que consideram a paisagem como sua.

A necessidade de entendimento da existência desta multiplicidade de abordagens levou-nos a um estudo e análise da semântica e da evolução histórica do conceito, assim como do processo de transformação a que tem vindo a ser sujeito, não só sobre o ponto de vista conceptual e ideológico, mas também em termos morfológicos determinados por diferentes contextos socioeconómicos e culturais. Daqui surge que a noção consciente de que a paisagem é uma conquista recente na cultura ocidental, sendo considerada paisagem a partir do momento em que o homem a inscreve dentro de determinada cultura e determinada época.

Com o objetivo de identificar o conceito do ponto de vista do arquiteto paisagista e, consequentemente, partindo da ideia que a paisagem é uma estrutura fundamental e basilar na qualificação do espaço de habitar, debruçámo-nos sobre a multifuncionalidade que lhe é inerente e à qual se associam, desde sempre, os conceitos e as práticas da produção, recreio e proteção.

Este artigo organiza-se em três momentos. Num primeiro, mais teórico, revisitamos o conceito de paisagem e da sua multifuncionalidade, nomeadamente a sua complexidade e o seu carácter polissémico. Seguimos o seu percurso na história que evoluiu por caminhos e direções diferentes ao longo do tempo dando origem ao atual conceito de paisagem, que resulta de um interesse multidisciplinar e de diversas aproximações teóricas, fundamentais para a complexidade do conceito, por excelência objeto de intervenção dos arquitetos paisagistas, criadores de paisagens.

Num segundo momento apresentamos um projeto de arquitetura paisagista onde o conceito de paisagem do arquiteto paisagista – multifuncional, holístico, transdisciplinar – se materializa através de um processo de síntese (desenho) que é estético, mas também ecológico, cultural, patrimonial, social e económico; isto é, sustentável, tal como o próprio conceito de paisagem determina. Por fim concluímos com uma reflexão acerca do entendimento do conceito de paisagem e de como o seu desenho se deve aproximar, esteticamente, dos ecossistemas naturais, determinando novas abordagens e perspetivas no processo do desenho e da construção da paisagem, tal como acontece no projeto do hotel rural Areias do Seixo.

## A Abordagem Multidisciplinar do Conceito de Paisagem

No fim do século XX assiste-se ao reiterar do interesse pela paisagem entendida enquanto figuração de um sistema ecológico, cultural, social e estético devido, em parte, a um cuidado e preocupação crescentes com questões associadas aos riscos ambientais que corremos e, consequentemente, a uma maior importância conferida ao tema da ecologia. A atual condição de crise faz com que o que era até agora invisível se torne radicalmente aparente, tornando assim patentes as nossas preocupações com as questões da morfologia, da ecologia e da estética da paisagem. Sobre a paisagem geram-se então expectativas como se esta fosse a chave que permite a resposta a muitas questões de gestão do espaço e das atividades que nele se desenvolvem, certamente devido ao potencial de integração que oferece.

A partir do momento em que a paisagem deixou de ser o objeto artístico, por excelência, da pintura, outras disciplinas demonstraram o seu interesse por este termo, apropriando-se da palavra. Assim, engenheiros agrícolas e florestais, geógrafos, biólogos, urbanistas, historiadores, filósofos, arquitetos e arquitetos paisagistas, reclamam hoje, como suas, parcelas de conhecimento sobre esta matéria.

Os filósofos vão introduzir novas ideias e trazer uma nova luz sobre o fenómeno da paisagem. Também um novo tipo de estudos que parte de uma visão interdisciplinar onde se relacionam a linguística, a geografia, a história, a sociologia, a arte e a literatura, entre outras várias disciplinas, está abrir novas vias ao conhecimento sobre um tema que aparece cada vez mais poliédrico e complexo[[1]](#footnote-1).

O interesse multidisciplinar pela paisagem é cada vez mais alargado, decorrendo da multifuncionalidade que lhe é inerente. Este interesse extravasa o simples planeamento de espaços residuais[[2]](#footnote-2) e respetivos planos de plantação[[3]](#footnote-3), tornando-se mais profundo em termos conceptuais, abarcando questões ecológicas, culturais, sociais, económicas, políticas e estéticas.

A paisagem, capaz de responder às mudanças ao longo do tempo, às transformações, adaptações e sucessões, surge como a única entidade capaz de se adaptar à *abertura,* indeterminação e mudança exigidas pelas condições urbanas de hoje[[4]](#footnote-4).

## 1.1. A paisagem dos arquitetos paisagistas

Os arquitetos paisagistas são atores privilegiados na produção da paisagem.

A arte dos jardins tem por objetivo traduzir no universo do jardim as conceções do mundo relativas a determinada época. Os jardins barrocos, com as realizações de Le Nôtre, para Fouquet e Luís XIV testemunham, de facto, a influência do conhecimento da geometria e da hidráulica, mas também da astronomia e das ciências ocultas. Do mesmo modo, os jardins paisagistastraduzem uma ligação à pintura de paisagem e às teorias da natureza e do belo. Desta época data a ideia que toda a paisagem pode ser olhada como um jardim segundo o código estético formado no decorrer do século das luzes (Donadieu & Périgord, 2007).

Verifica-se, então, uma passagem de uma atitude mais interpretativa e contemplativa para uma atitude mais ativa e interveniente sobre a paisagem, com a adaptação e integração do homem nos processos naturais respeitando-os e beneficiando dos seus recursos.

Coincidindo com uma nova fase da relação do homem com a natureza, em que o primeiro procura dominar os recursos e os ciclos naturais, assiste-se ao desenvolvimento de um novo conceito – o da paisagem coletiva, para as classes sociais mais desfavorecidas, materializada pela escola inglesa de arquitetos paisagistas, e por Downing, no século XIX, o primeiro defensor dos parques públicos nos Estados Unidos (Rogers, 2001).

O surgimento dos parques e jardins públicos e o desenvolvimento da botânica fizeram do arquiteto paisagista um profissional, com competências no serviço do bem-estar, primeiro, de uma forma privada e depois pública, à qual se fará largamente apelo no século seguinte[[5]](#footnote-5).

No século XX, como consequência da revolução industrial e com o início da delapidação da paisagem surge a ciência do uso do território com o objetivo da *conservação* e da exploração sustentável dos recursos ambientais. Mais tarde é reconhecido o desenho da paisagem como capaz de efetuar a síntese entre o particular e o universal e é estabelecido e aceite o conceito de *planeamento paisagístico,* em contraponto ao *planeamento do território*, mais sectorial e menos integrador, e a profissão do arquiteto paisagista (Batista, 2009).

Um conceito mais abrangente de paisagem também surge por esta altura, tanto teoricamente, na sequência das marcas deixadas pelo homem no território, como na prática, na sequência dos trabalhos de desenho e planeamento de paisagem iniciados por Olmsted, nos finais do século XIX, nos Estados Unidos e por Asplund, no início do século XX, na Europa. Segundo Magalhães (2001) a partir do conhecimento adquirido no domínio da ecologia, a perceção da paisagem deixou de estar ligada às impressões visuais que ela sugere e passa a incluir, por um lado os ecossistemas que lhe estão subjacentes e que lhe deram origem, e, por outro lado, os processos de humanização, sejam eles ligados às atividades rurais ou às atividades urbano-industriais.

A partir de meados do século XX, a relação entre sujeito e objeto, paisagem e observador, torna-se o centro de todas as conceções de paisagem, tendo a filosofia tomado um papel determinante na interpretação estética e poética do conceito de paisagem, como vimos anteriormente.

Com a tomada de consciência da finitude dos recursos naturais surgem novas preocupações e consequentes atitudes face às questões ambientais. A paisagem passa então a ser considerada como um elemento do ambiente que deve ser planeada e gerida segundo os conhecimentos científicos mais recentes, como é o caso do ordenamento biofísico e do uso do solo, das salvaguardas ambientais, da gestão de recursos e do desenvolvimento sustentável [[6]](#footnote-6)(Saraiva, 1999).

Os novos conhecimentos no domínio da ecologia juntamente com a contribuição da filosofia e o conhecimento empírico que o homem possuía da paisagem foram fundamentais para a criação de um corpo de doutrina específico da Arquitetura Paisagista que incluía, tanto a produção teórica como intervenções na paisagem. A paisagem passa então a ser considerada como a representação de uma realidade geográfica, ecológica e estética, complexa, resultado da interação, no espaço e no tempo, dos fatores biofísicos, culturais e socioeconómicos (Batista, 2009).

Os trabalhos de Mumford (1964), Geddes (1915) e McHarg (1995) estabelecem compromissos mais consistentes na discussão sobre a relação entre a sociedade, o homem e a natureza. A ecologia passa a ocupar o centro das atenções, intenções e ações. Estes trabalhos constituem uma referência no âmbito do planeamento e do desenho do território, nomeadamente no ordenamento da paisagem.

A partir dos anos setenta do século XX, com o aparecimento da disciplina da Ecologia da Paisagem, é consolidada e enfatizada a integração dos conhecimentos ecológicos na aplicação ao ordenamento, planeamento e desenho da paisagem. Surge a abordagem interdisciplinar e holística que veio reforçar e desenvolver o conceito de paisagem como um sistema.

A compreensão da paisagem implica o conhecimento da litologia, do relevo, da hidrografia, do clima, dos solos, da flora, da fauna, da estrutura ecológica do uso do solo e de todas as expressões da atividade humana ao longo do tempo, assim como a análise da sua articulação, o que resulta numa realidade multifacetada (Cancela d’Abreu *et al*., 2004).

A partir dos anos 80 do século XX assiste-se a uma articulação e convergência entre os diversos conhecimentos e as diversas áreas disciplinares, nomeadamente a ecologia, a estética e perceção (psicologia ambiental) para uma mais completa compreensão e avaliação da paisagem[[7]](#footnote-7). O significado de paisagem evolui de um objeto que se vê e é caracterizado por aquilo que se vê, para aquilo que se vê, mas se caracteriza por aquilo que não se vê[[8]](#footnote-8). Nesta aceção, a paisagem é a imagem que resulta da interação entre os processos naturais e os antrópicos. A essência do objeto deixou de ser ele próprio, mas aquilo que ele revela a quem o souber interpretar, o que exige uma descodificação de sinais para que, aquilo que não é visível seja identificado.

A paisagem passa a constituir a figura que a superfície da terra assume, como resultado da interação dinâmica dos múltiplos fatores que para ela concorrem, abióticos e bióticos, incluindo o homem, correspondente a outras tantas disciplinas do conhecimento: no subsolo (geologia, litologia, hidrologia, geomorfologia), à superfície (pedologia, fitossociologia e zoologia) e as disciplinas relativas ao estudo das relações humanas, sob as várias formas (sociologia, antropologia, psicologia ambiental) na atmosfera, (climatologia e os agentes modificadores, físicos, químicos e biológicos, transportados pelas massas de ar). Nesta perspetiva a paisagem é muito mais o que não se vê, do que aquilo que se vê (Magalhães, 2007).

Os arquitetos paisagistas, por toda a Europa e por todo o mundo, muitas vezes em colaboração com outros investigadores e profissionais, de diversas áreas disciplinares, têm contribuído para o desenvolvimento de um quadro teórico e metodológico, assim como para o desenvolvimento da aplicação prática relativos a esta matéria[[9]](#footnote-9).

Consequência da sua formação e da sua matéria de trabalho, os arquitetos paisagistas elaboraram os seus próprios conceitos ou adotaram-nos e adaptaram-nos de outras disciplinas. Para nós a paisagem é menos um espaço que se conserva que a parte visível de um território onde se compreendem as causas da evolução, e que se gere para construir uma identidade desejada. O conhecimento utilizado na intervenção e construção das paisagens é próximo, tanto do pensamento científico e dos conceitos das diversas disciplinas que o constituem, como do pensamento artístico do qual se adotam os princípios da construção do espaço, na arte de projetar. Neste último caso, é através de abordagens fenomenológicas que os teóricos da paisagem fazem apelo para se integrarem no espaço vivido, conhecido e das relações humanas com os lugares (Donadieu & Périgord, 2007).

A arquitetura paisagista constitui-se então como uma disciplina transversal, que cruza todas as matérias incluindo, como já foi referido, as artísticas que permitem dar forma ao espaço e as científicas que permitem considerá-las como componentes da forma, sendo através desta que a síntese transdisciplinar se corporaliza. De facto, a intervenção na paisagem requer uma síntese de um vasto conjunto de conhecimentos e de um método próprio com o objetivo de transformar a articulação e a comunicação transdisciplinar num espaço com determinada forma, o que revela a forte ligação do conceito de paisagem ao conceito de morfologia.

De acordo com Magalhães (2007), podemos então considerar que para os arquitetos paisagistas e para todas as formações que dispõem de formação ecológica, a Paisagem é uma entidade *horizontal* que se situa entre o subsolo e a atmosfera. A dicotomia que esta conceção pode encerrar é entre *Natureza* e *Cultura*, representando esta última as maneiras de fazer pelas diferentes comunidades humanas, incluindo as representações simbólicas. A harmonia ou a rutura, entre os dois polos desta dicotomia, depende da qualidade desta intervenção humana: se é imbuída do conhecimento e respeito pelo equilíbrio ecológico, ou se, pelo contrário, é marcada pela ignorância dos processos naturais, violentando esse equilíbrio, quem sabe, até ao limite da resiliência do planeta. Aquilo que Caldeira Cabral classificava de *trabalhar com a Natureza, ou contra ela[[10]](#footnote-10)*.

No hotel rural Areias do Seixo, como veremos em seguida, natureza e cultura, ecologia e estética conjugam-se e complementam-se evidenciando o carácter daquela paisagem, pondo em evidência a sua essência e a identidade de uma cultura, o saber fazer de um povo numa gestão equilibrada com os componentes morfológicos da paisagem.

## Caso-Estudo: hotel rural Areias do Seixo

O projeto de enquadramento paisagístico do hotel rural Areias do Seixo materializa a abordagem holística da abordagem do arquiteto paisagista na construção do espaço da paisagem: a conjugação da natureza e da cultura, como referido por Matos (2011), a formação ecológica, visto em Magalhães (2007) e as questões sociais e também económicas, já referidas por Geddes (1915), Mumford (1964) e McHarg (1995) e que, no fim de contas, são os pilares da sustentabilidade, sinónimo da própria palavra paisagem e do que esta em si encerra.

Neste projeto é reconhecido o grande potencial deste espaço de paisagem, nomeadamente ao nível estético, cultural e ecológico, onde os espaços abertos do hotel, em conjunto com este, constituem um elemento de grande interesse e atratividade.

Na Estremadura de Portugal continental, em pleno Oeste, a paisagem compartimentada e ondulada, caraterizada por um forte cunho agrícola conferida pelo trabalho das comunidades ao longo dos séculos, é moldada pela influência direta do oceano. A norte da vila de Santa Cruz, num lugar sobranceiro à linha de costa, e tendo o mar como cenário, os verões frescos, os invernos tépidos e os nevoeiros frequentes, ajudam a tornar única a ambiência particular em que o hotel se veio implantar. (Fig. 1)

Figura 1- Implantação sobranceira à linha de costa. (créditos fotográficos dos autores)

 A diversidade da paisagem carateriza-se, também, não só pelas características biofísicas que a determinam, mas pelo reconhecimento de algumas manchas de áreas classificadas pela Rede Natura 2000 como valores naturais a salvaguardar. (Fig. 2)

Figura 2 - Figuras legais, servidões e restrições. (créditos fotográficos dos autores)

Com o intuito de colocar em evidência o carater deste lugar, determinado pela relação natureza-cultura e pelas características biofísicas e processos ecológicos e ambientais que o definem, o projeto de enquadramento paisagístico do hotel rural Areias do Seixo balizou-se nos seguintes pressupostos:

- Intervir com base nos princípios holísticos da arquitetura paisagista e no conceito de multifuncionalidade inerente à paisagem, que se traduz em ações de proteção (valores ecológicos), conservação (valores culturais) e valorização ecológica (potenciação dos fluxos e processos ecológicos), em simultâneo com uma estrutura de recreio que inclui, também, a contemplação e a perceção dos processos naturais pela prática (relação com a natureza) e pela aprendizagem de técnicas de agricultura biológica e permacultura (produção).

- Proporcionar o recreio ativo (atividades desportivas, práticas hortícolas, caminhadas), ainda que de forma contida, respeitando a linguagem 'naturalizada' pretendida mas assumindo, pela desconstrução da forma, uma forte ligação ao conjunto construído; isto é, respeitando a relação indissociável natureza-cultura, como já referido anteriormente.

- Utilizar espécies de vegetação autóctone, nos seus diferentes estratos (arbóreo, arbustivo e herbáceo), tanto nas áreas de valorização e proteção da estrutura verde existente (áreas de valor ecológico) quanto nas áreas de enquadramento das estruturas construídas (áreas cuja sensibilidade ecológica é menor mas que, no entanto, desempenham um papel importante no espaço de paisagem que se quer construir).

- Valorizar e aproveitar as infraestruturas existentes de modo a minimizar a intervenção no solo, nomeadamente percursos e elementos construídos, assim como a vegetação existente.

- Valorizar o sistema de relações visuais em duas escalas distintas: na relação com a envolvente (do interior do espaço para o exterior e do exterior para o interior), potenciando tanto o espaço do Hotel como a paisagem que o acolhe. Assim como nas diferentes espacialidades que ocorrem no interior da área de intervenção proporcionando diferentes ambiências e experiências do lugar do Hotel.

O desenho da proposta articula-se fortemente com a forma sugerida pela arquitetura do edifício. A partir do edifício, delimitado exteriormente por uma circunferência, surgem vários arcos que estruturam o desenho dos espaços abertos, desconstruindo, de forma gradual, o artificialismo das formas e reduzindo a diversidade das matérias impostas às materialidades da paisagem (Fig. 3). Mais uma vez se verificam natureza e cultura em equilíbrio e a potenciação dos valores ecológicos presentes.

Fig. 3 - Plano Geral.

Desse edificado nasce um eixo que se materializa numa sucessão de texturas: lajes de pedra com largas juntas de relvado, rodelas de pinho e uma passadeira em travessas de madeira ladeadas por seixo rolado (Fig. 4). Soluções que em nada comprometem a impermeabilização do espaço e, consequentemente, a ocorrência dos fluxos e processos naturais, de acordo com os princípios da arquitetura paisagista.

Figura 4 - Perspetiva poente-nascente sobre o eixo principal. Materialidades e texturas.

Esse eixo - linha estrutural da composição - conduz os utentes desde o interior do hotel ao Teatro da Água – um palco, na crista dunar, de onde se domina, fisiográfica e visualmente, a imensidão do mar e onde somente as Berlengas (pequena ilha rochosa no Atlântico) enrugam a sua linearidade. (Fig. 5)

Figura 5 - Panorâmica sobre o oceano – Teatro da Água. (créditos fotográficos dos autores)

Se nos voltarmos para nascente, nesse mesmo ponto onde não se impõe o artificialismo da forma e da matéria, envolvidos pela ondulação das areias povoadas por resilientes associações vegetais, podemos ler, numa ampla panorâmica, a concha topográfica em que a nossa intervenção se acomodou e formalizou. (Fig. 6)

Figura 6 - Perspetiva geral sobre a área de intervenção. (créditos fotográficos dos autores)

Dali podemos visualizar o relvado que envolve o edifício - o vazio que constrói aquela área de uso polivalente e informal é delimitado e definido por um alinhamento de toros de madeira e pontuado por ilhas de vegetação, aconchegando-o e conferindo-lhe diferentes funções. (Fig. 7)

Figura 7 - Relvado. (créditos fotográficos dos autores)

A nnw do hotel, surge-nos o passadiço que se solta do eixo principal. Percebemos que se levanta do solo e nos conduz até ao interior de um maciço de pinheiros - o Teatro das árvores - onde, por entre as copas, se vivencia uma ambiência original, de contenção, intimidade e sombra. O carácter rural da intervenção reconhece-se, também, na componente de carácter agrícola e produtiva, que acontece a sul do eixo principal. O mosaico da paisagem, nomeadamente os sistemas agrícolas tradicionais, são recriados na horta, no pomar e na vinha (Fig. 8) promovendo atividades de produção, também elas de valor cultural.

Figura 8 - Horta, vinha e pomar. Apontamentos. (créditos fotográficos dos autores)

Sebes de canas auxiliam na compartimentação e na proteção das culturas hortícolas, definindo grande parte dos limites da intervenção, retratando e pondo em evidência o carater singular da paisagem em que se inscreve e que inspira a intervenção. (Fig. 9)

Figura 9 - Sebes de canas e outros elementos de compartimentação. (créditos fotográficos dos autores)

Uma cortina arbórea ao longo do limite norte, composta por espécies autóctones, bem adaptadas, nomeadamente os pinheiros (*Pinus pinea* e *Pinus pinaster)* e os carvalhos (*Quercus faginea*e *Quercus coccifera),* protege o espaço de intervenção dos ventos dominantes. Todos os exemplares arbóreos existentes são preservados e a mata invade a área de intervenção num maciço que enriquece espacialmente e ambiencialmente a paisagem que se desenha.

Os revestimentos herbáceos propostos, para além do relvado já referido, formalizam-se em prados floridos cuja riqueza cromática se estende à paisagem envolvente, substituindo a mancha difusa de chorões da areia (*Carpobrotus edulis)* existente, que será removida, uma vez que se trata de uma espécie invasora, difícil de controlar, e não adaptada em termos ecológicos. Toda a vegetação herbáceo-arbustiva existente, principalmente aquela que participa na defesa e proteção do sistema dunar, será preservada.

A implantação de todos os elementos descritos implica um respeito total pela morfologia do terreno não havendo lugar para modelações e alterações da topografia (Fig. 10). Tudo se adapta, tudo se molda, tudo se ajusta, como se de uma pele se tratasse.

Figura 10 - Sistema morfológico.

Todos os materiais inertes serão assentes sem fundações nem caixas de assentamento, de modo a promover a permeabilidade máxima e a preservação de ciclos, fluxos e processos naturais.

## Conclusão

À paisagem é inerente o indivíduo, a consciência e a experiência, o que a torna de ordem estética. É a tal *realidade estética que contemplamos vivendo nela*, que Rosario Assunto (1973) tão bem definiu. É patente, no projeto de arquitetura paisagista apresentado, este conceito de ideia, de construção, resultado da ação do homem sobre o território, resultado de uma simbiose entre natureza e cultura. A paisagem é holística e produto de um sistema dinâmico natural, em constante transformação e evolução, constituindo-se como expressão da identidade de um povo. Este conceito é defendido pelo Professor Caldeira Cabral (1993), desde os anos quarenta do século XX: sistema natural, em constante transformação, determinada pela dinâmica dos sistemas naturais e pela ação do homem; acontecimento natural, cultural, social e suporte. Nestes princípios, assim como na proposta apresentada, estão incluídas a contemplação, a vivência e a experiência que constroem a paisagem, sendo também estes princípios que têm produzido obra e corpo teórico na arquitetura paisagista, em Portugal.

Intrínseco ao nosso conceito de paisagem, e patente nesta proposta, é também a multifuncionalidade, histórica, própria da ideia do fazer e do sentimento e que se reflete na apropriação simultânea do espaço para produção (hortas), proteção (valores ecológicos) e recreio (percursos, contemplação, atividades desportivas).

O entendimento da paisagem como um sistema contínuo, complexo e dinâmico, resultante de processos naturais e culturais em constante transformação, determina este retorno à sua dimensão multifuncional. E é assim que nós, arquitetos paisagistas, a entendemos – holística, integradora, inclusiva, sistémica, dinâmica e multifuncional.

Partilhando a ideia de que o mundo inclui sistemas sociais e naturais, complexos, interdependentes e inter-relacionados, para cuja harmonização e sustentabilidade fornecem uma série de princípios centrados na organização dos usos do solo, em função da aptidão ecológica, contribuindo deste modo para a preservação dos sistemas e recursos naturais, a longo prazo e, para a criação de comunidades sociais fortes e coesas, pretendemos defender uma visão sistémica de uma paisagem multifuncional, produtiva e de lazer, proporcionadora de novas experiências de entendimento da condição humana. A paisagem é transformada em algo diferente: um lugar sensitivo a diferentes transformações que regista os movimentos e acontecimentos que nela ocorrem. Uma entidade ativa, estruturando condições para novos relacionamentos e interações entre os elementos que a constituem. Neste novo conceito a paisagem já não é baseada numa imagem naturalista, mas sugere uma estrutura contínua onde se pode operar através da ocorrência de diferentes atividades. Não é apenas a plataforma onde se organiza o processo de construção, mas um verdadeiro campo de energia, uma membrana sensitiva e dinâmica. É constituída por sistemas que estabelecem relações, fluxos e processos entre as atividades que lá ocorrem.

Também o desenho de paisagem no séc. XXI deve começar por se aproximar do desenho dos ecossistemas naturais, tal como acontece no hotel rural Areias do Seixo. Devemos aprender com o metabolismo dos sistemas naturais onde todos os resíduos são reciclados em recursos para o crescimento futuro (Girardet, 2005). Este é um assunto para os políticos mas, também para o público em geral que necessita de exercer pressão nos governos central e locais, e nos investidores, para adotar perspetivas práticas.

## Referências Bibliográficas

ALLEN, A. Environmental planning and management of the periurban interface. In : CONFERENCE RURAL-URBAN ENCOUNTERS: MANAGING THE ENVIRONMENT OF THE PERIURBAN INTERFACE, 2001, London. England.

ASSUNTO, R. **Paesaggio e l’estetica. Natura e storia** (Vol. 1). Napoli: Giannini editore, 1973.

BATISTA, D. **Paisagem, cidade e património – o sistema urbano Olhão – Faro – Loulé. Propostas para uma estratégia de intervenções integradas de requalificação urbana e valorização ambiental**. 2009.Tese (Doutoramento em Artes e Técnicas da Paisagem), Universidade de Évora, Évora, Portugal.

BERQUE, A. **Cinq propositions pour une théorie du paysage***.* Paris: Champ Vallon, 1994, (Collection Pay/Paysages).

BURCKHARDT, L. Esthétique et écologie. In L. Burckhardt (Ed.) **Le design au-delà du visible**. Paris : Éditions du Centre Georges-Pompidou, 1991. p. 53-60.

CALDEIRA CABRAL, F. **Fundamentos da arquitectura paisagista***.* Lisboa: Instituto da Conservação da Natureza, 1993.

CANCELA D’ABREU A., PINTO CORREIA T., & OLIVEIRA R. **Contributos para a identificação e caracterização da paisagem em Portugal Continental**. Lisboa: Direcção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano (DGOTDU), 2004, vol.1

DONADIEU, P., & PÉRIGORD, M. **Le paysage**. Paris: Armand Colin, 2007.

GEDDES, P. **Cities in evolution**. London: Williams & Norgate. 1915.

GIRARDET, H. Urban agriculture and sustainable urban development*.* In A.Viljoen (Ed.). **CPULs, continuous productive urban landscapes – designing urban agriculture for sustainable cities**. Oxford: Architectural Press. Elsevier, 2005. p. 32-39.

LASSUS, B. Une poétique du paysage: le démesurable. In : HABITAT I, CONFERENCE DEL’ONU*.* 1976. Paris/Vancouver: Ministère de la Qualité de la Vie.

MCHARG, I. **Design with nature,** (25th aniversary edition). USA: John Wiley and Sons. 1995.

MAGALHÃES, M. **A arquitectura paisagista, morfologia e complexidade***.* Lisboa:Editorial Estampa, 2001.

MAGALHÃES, M. Paisagem – perspectiva da arquitectura paisagista*.* In: A. Serrão (Ed.). **Philosophica, estéticas da natureza**. Lisboa: Departamento de Filosofia. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2007. p. 103-114

MATOS, R. **A reinvenção da multifuncionalidade da paisagem em espaço urbano - reflexões**. 2011.Tese (Doutoramento em Artes e Técnicas da Paisagem), Universidade de Évora, Évora, Portugal.

MUMFORD, L. **La cité à travers l’histoire**. Paris: Le Seuil,1964

NEURAY, G. **Des paysages. Pour qui? Pourquoi? Comment?** Belgique: Les Presses Agronomiques de Gembloux, 1982.

ROGERS, E. B. **Landscape design: a cultural and architectural history**. New York : Harry N. Abrams, Inc., 2001.

SARAIVA, G. **O Rio como paisagem. Gestão de corredores fluviais no quadro do ordenamento do território**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia, 1999.

SCHAMA, S. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

1. A partir da geografia, Berque (1994), e a partir da história, Schama (1996), seriam dois polos de referência destas novas visões de paisagem. [↑](#footnote-ref-1)
2. Nas últimas décadas, o espaço não edificado, dito *verde,* tem desempenhado, ainda, um papel acessório na construção do espaço urbano. A indiferença generalizada que se verifica quanto à sua definição qualitativa, seja pela parte dos técnicos de planeamento seja por interesses económicos ou por exigências dos destinatários, tem sido determinante para esta situação. [↑](#footnote-ref-2)
3. A paisagem não tem sido considerada o principal elemento estrutural mas antes a cereja no topo do bolo, o último resquício de *verde* numa porção de espaço edificado. Esta atitude extremamente redutora afeta, por sua vez, não apenas a imagem do espaço mas também a sua qualidade e valor inerentes. [↑](#footnote-ref-3)
4. Allen (2001) refere que paisagem não é apenas um modelo formal para o urbanismo de hoje, mas talvez, mais importante que isso, um modelo de processo. [↑](#footnote-ref-4)
5. Na cultura francesa, até ao século XX os arquitetos paisagistas foram frequentemente confundidos com arquitetos, horticultores e jardineiros. É neste século que surgem as especialidades profissionais: os arquitetos distinguem-se dos jardineiros paisagistas, próximos da horticultura e da botânica, dos empreendedores paisagistas que realizam e conservam os jardins, e dos planeadores paisagistas que se associam hoje aos urbanistas, arquitetos, ecologistas e geógrafos (Donadieu & Périgord, 2007). [↑](#footnote-ref-5)
6. Representativa desta mudança é a definição que considera a paisagem como “uma parte do espaço analisado visualmente e que é o resultado da combinação dinâmica de elementos físico-químicos, biológicos e antropológicos que, reagindo uns sobre os outros, constituem um conjunto único e indissociável em contínua evolução”*.* Georges citado em Cancela d’Abreu *et al*. (2004) (p. 26). [↑](#footnote-ref-6)
7. A distinção entre paisagem e ambiente proposta por Berque (1994), Lassus (1976) e Roger (1994), entre outros, permitiu dar um esclarecimento significativo.

A meio caminho entre a ciência e a ideologia, a ecologia retém, há muito relações ambíguas com a estética e a paisagem. Relações que foram posteriormente clarificadas pelos filósofos Alain Roger (1994) e Lucius Burckardt (1991).

Segundo Roger (1994) a paisagem não é ambiente, como gostariam os ecologistas, nem geossistema, como pretendem os geógrafos. Parece escapar ao âmbito da ciência, sem, todavia, entrar exclusivamente no campo da arte. [↑](#footnote-ref-7)
8. Segundo Neuray (1982), o estudo da Paisagem deve ultrapassar a fase de contemplação para se alargar à compreensão daquilo que se vê. [↑](#footnote-ref-8)
9. Como é referido por Desidério Batista:

Os estudos realizados sobre esta perspetiva comtemplaram a integração do campo da ecologia através do estudo do funcionamento e propriedades dos ecossistemas, com o conhecimento da matriz social e cultural decorrente da atividade humana, e com o conhecimento dos valores, sentimentos, e outros aspetos afetivos induzidos pela paisagem.

Batista, D. (2009) - *Paisagem, cidade e património – O sistema urbano Olhão – Faro – Loulé. Propostas para uma estratégia de intervenções integradas de requalificação urbana e valorização ambiental* (p. 23). Tese de doutoramento, Universidade de Évora, Évora, Portugal. [↑](#footnote-ref-9)
10. Caldeira Cabral, F. (1993). *Fundamentos da arquitetura paisagista.* Lisboa : Instituto da Conservação da Natureza. [↑](#footnote-ref-10)